A FENOMENOLOGIA COMO CIÊNCIA DAS DIMENSÕES EXISTENCIAIS DA ATIVIDADE FÍSICA:
UMA ABORDAGEM EM PSICOLOGIA DO ESPORTE. *Cristiano Roque Antunes Barreira (Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).*
crisroba@usp.br

Resumo

A maior ou menor presença de dimensões existenciais na prática de atividade física em suas mais diversas modalidades, sejam ou não esportivas, delineia um gênero de fenômeno que a psicologia do esporte não pode se eximir de investigar. Uma investigação fenomenológica deste tema passa a interessar ainda mais em um momento de transformação da vida social que parece, segundo sinaliza Maffesoli, não ser mais orientada pela finalidade pré-determinada que se fez crer natural ao homem e à vida social na modernidade. A identificação de um *presenteísmo* como efervescência dos modos de se comportar na contemporaneidade, diz respeito à necessidade de uma releitura das práticas de atividade física que não parta previamente dos signos finalistas da saúde, da eficiência capitalista ou do restauro e condicionamento do corpo, seja para o mesmo capitalismo ou, ao contrário, para contribuir aos esforços revolucionários. As razões e *desrazões* da atividade e inatividade física conforme explicadas pelas investigações na área da saúde já pressupõe a preocupação e, assim, via de regra, a lente interpretativa e prescritiva da própria área. Isto por si só constitui, muitas vezes, alguns dos maiores obstáculos às práticas interventivas em ordens micro ou macro-sociais. O apelo a teorias explicativas aderidas de princípio a determinadas preocupações, a determinadas ferramentas e, quando definidos os diagnósticos, a determinadas prescrições, põe barreiras à – já difícil por si mesma – tentativa de *compreensão* e *descrição* de fenômenos. As ciências da atividade física têm, como se propõe aqui, o método fenomenológico como modo pertinente de estudo daquelas dimensões existenciais situadas que, por mais ou menos significativas na vida social, colhem e projetam horizontes de vida que condicionam a relação com a corporeidade, seja ela reificada, ativa, esquecida. Tenha-se como princípio o fato de que – diferentemente dos estudos sobre motivação apoiados em teorias motivacionais, por exemplo – pesquisar os significados existenciais com os quais se envolvem os praticantes de atividade física, em sentido amplo ou específico (modalidades, faixas etárias, tribos, esporte adaptado, etc.) indica sobre a complexidade (física, volitiva, afetiva, cultural, temporal) de motivos, atualidades e finalidades menos ou mais profundas que os engajam em suas práticas. O acesso ao conteúdo manifesto – junto à superfície do fenômeno, portanto – consente um reconhecimento e identificação de fatores existenciais típicos de práticas e praticantes que, contudo, favorece um trabalho de aprofundamento e esclarecimento fenomenológicos que ainda aguarda vez. É, assim, fenomenologicamente, e não existencialmente, que se pretende empreender um gênero de investigação que apenas toma a efetividade da existência como sua matéria-prima. Como ponto de partida metodológico está o pressuposto fenomenológico de análise da consciência, análise intencional que resgata o *mundo-da-vida* decantado sob abstrações conceituais, noções segundas sobre experiências primeiras obscurecidas e, eventualmente, outrora nunca esclarecidas, embora necessariamente assentes na intuição. Trata-se de investigações que querem ir a fundo, sem se contentar com os limites das expressões verbais pouco significativas que fazem repetir o convencional, mas reativando o *esforço* presente nas vivências, buscando, enfim, essências de fenômenos. Fenomenologia apoiada nos estudos de Ales Bello e de seu fundador, Edmund Husserl, visando uma descrição rigorosa e uma *redução eidética* precisa que, mesmo visando o conhecimento das fontes originárias da intuição, se sabe partindo de um *valor cognitivo intermediário.* Neste valor intermediário

pode estar desde a denominação da prática investigada (judô, atletismo, escalada, futebol, etc.), a qual já pressupõe um conteúdo específico, até as múltiplas formas de coleta de dados, como a observação, a participação e a entrevista aberta em profundidade. A unidade do fluxo de consciência vem analisada na forma como manifesta os estratos que a constituem: estratos sensível-motores, afetivo-imagéticos e volitivo-intelectuais que compõem a unidade da pessoa em suas esferas corpórea, psíquica e espiritual. Interessa distinguir tais esferas enquanto é propriamente a fluidez de suas dosagens que vai caracterizar de modo geral a atividade física como fenômeno em que corporeidade e psiquismo exercem um papel determinante na ação. É sobre preponderância de ambas as esferas que se coordenam os modos de atuação espirituais, isto é, volitivo-intelectuais. A atenção científica exclusivamente dedicada a esta última esfera, racional decisória, seja em seus estudos do corpo como objeto, seja na prescrição racional ao mesmo corpo objeto como a coisa da saúde, perde de vista a primariedade vivencial desse corpo e do posicionamento existencial no mundo. A hegemonia vivenciada na prática de atividade física, em geral, é de arrefecimento da racionalidade abstraída – pode-se dizer de modo geral – e recrudescimento de razões sensíveis condensadas em gestos atrativo-repulsivos do corpo e do psiquismo. Assim, nos momentos limite de cada forma de prática, por exemplo, a repulsa à negatividade das imagens de fracasso, queda, derrota, desistência, *caldo*, etc. conta mais do que eventuais cálculos abstratos acerca da probabilidade ou não do sucesso da ação. A experiência prática mostra a força e a importância de tais conteúdos imagéticos, revelando a determinação psíquica dos eventuais gestos que se sucedem em acertos ou equívocos. O conjunto da história de consciência destas imagens, afetos e tensões volitivas correspondentes, conforma uma determinada atitude em maior ou menor consonância com seu correlato prático, isto é, a atividade física que esteja em questão. O corredor, cônscio de suas possibilidades e limites físicos, faz da vontade, como auto-imposição de um esforço de continuidade, o seu desafio. Diferentemente, o surfista faz da sintonia com a natureza o saber que o orienta a acompanhar, a *entrar* na onda numa comunhão entre a própria onda temporal psíquica e a onda de água em que está. Já na prática tradicional do *karate* há um misto de atos que implica em orientar os modos de uma determinação volitiva e constitutiva do caráter de seu praticante de acordo com o que solicita uma experiência de *esvaziamento* e, portanto, de passividade do escorrer corpóreo-psíquico até o gesto definitivo, o *kimê*. Estes exemplos apenas referem algumas das variações dos modos característicos de vivenciar a experiência continuada da atividade física de modo a tê-la como dimensão existencial significativa da vida do praticante. A análise da atualidade dos fenômenos condensa nestes *momentos presentes* a essência do que são motivos e finalidades das práticas que, muitas vezes, são apenas significados como simples prazer. É neste sentido que, a simples hipótese sociológica *presenteísta* do prazer como causa e finalidade da prática, por exemplo, não exaure a questão, afinal, não define nem de que prazer se trata nem como se move tal prazer. As investigações fenomenológicas da prática de atividade física deverão contribuir para a compreensão destas *efervescências presenteístas* do psíquico e do social que se entrelaçam e configuram uma espessura existencial, tanto contemporânea quanto essencial, a ser explorada em suas mais diversas implicações.

FAPESP/PRP-USP

Eixo Temático 11 – Outros

Introdução

A maior ou menor presença de dimensões existenciais na prática de atividade física em suas mais diversas modalidades, sejam ou não esportivas, delineia um gênero de fenômeno que a psicologia do esporte não pode se eximir de investigar.

Uma investigação fenomenológica deste tema passa a interessar ainda mais em um momento de transformação da vida social que parece, segundo sinaliza Maffesoli (2007), não ser mais orientada pela finalidade pré-determinada que se fez crer natural ao homem e à vida social na modernidade. A identificação de um *presenteísmo* como efervescência dos modos de se comportar na contemporaneidade, diz respeito à necessidade de uma releitura das práticas de atividade física que não parta previamente dos signos finalistas da saúde, da eficiência capitalista ou do restauro e condicionamento do corpo, seja para o mesmo capitalismo ou, ao contrário, para contribuir aos esforços revolucionários, ambos filosoficamente inspirados numa teleologia messiânica (ALES BELLO, 1972). O argumento apoiado na sociologia e filosofia interessa tanto mais quando, na conclusão de uma extensa revisão histórica da psicologia do esporte, Vealey (2006, p. 148) entende que a área pode se integrar com a sociologia apreendendo as incidências psicológicas de fatores políticos e sociais no esporte.

As razões e *desrazões* da atividade e inatividade física conforme explicadas pelas investigações na área da saúde já pressupõe a preocupação e, assim, via de regra, a lente interpretativa e prescritiva da própria área e de sua metodologia. Isto por si só constitui, muitas vezes, alguns dos maiores obstáculos às práticas interventivas em ordens micro ou macro-sociais tão preocupadas com temas como inatividade física, aderência à mesma, etc.

É neste sentido que a complexidade dos fenômenos relacionados ao lidar com a corporeidade, sobretudo no que se refere às práticas de atividade física, ganhariam em se abster da dependência da mentalidade médico prescritiva voltando-se anteriormente a pesquisas de ordem descritivo-compreensiva.

A proposta de investir em estudos na perspectiva fenomenológica de abordagem da psicologia do esporte cumpre tal intento. Note-se o sentido amplo atribuído a esta área em que a prática esportiva é estudada nas “diferentes dimensões psicológicas do comportamento humano”, sendo também alargada a compreensão de esporte como “manifestação humana” voltada para o rendimento, ludicidade ou compulsoriedade de atividades que têm “como objetivo o movimento” (RUBIO, 2004, p.93)

Cientificismo e Fenomenologia

O apelo a teorias explicativas aderidas de princípio a determinadas preocupações, a determinadas ferramentas e, quando definidos os diagnósticos, a determinadas prescrições,

põe barreiras à – já difícil por si mesma – tentativa de *compreensão* e *descrição* de fenômenos. Seu equívoco está na adoção de um sistema explicativo que necessariamente justifica um fenômeno por outro fenômeno anteriormente determinado por alguma teoria, deixando, assim, de compreender a natureza do fenômeno em questão. As ciências da atividade física têm, como se propõe aqui, o método fenomenológico como modo pertinente de estudo daquelas dimensões existenciais situadas em relação ao corpo em movimento que, por mais ou menos significativas na vida social, colhem e projetam horizontes de vida que condicionam a relação com a corporeidade, seja ela reificada, ativa, esquecida, transcendente.

Tenha-se como princípio o fato de que – diferentemente dos estudos sobre motivação apoiados em teorias motivacionais, por exemplo – pesquisar os significados existenciais com os quais se envolvem os praticantes de atividade física, em sentido amplo ou específico (modalidades, faixas etárias, tribos, esporte adaptado, etc.) indica sobre a complexidade física, volitiva, afetiva, cultural, temporal de motivos, atualidades e finalidades menos ou mais profundas que os engajam em suas práticas. O acesso ao conteúdo manifesto – junto à superfície do fenômeno, portanto – consente um reconhecimento e identificação de fatores existenciais típicos de práticas e praticantes que, contudo, favorece um trabalho de aprofundamento e esclarecimento fenomenológicos que ainda aguarda vez. É, assim, fenomenologicamente, e não existencialmente, que se pretende delinear um gênero de investigação que apenas toma a efetividade da existência como sua matéria-prima. Como ponto de partida metodológico está o pressuposto fenomenológico de análise da consciência, análise intencional que resgata o *mundo-da-vida* decantado sob abstrações conceituais, noções segundas sobre experiências primeiras obscurecidas e, eventualmente, outrora nunca esclarecidas, embora necessariamente assentes na intuição (BARREIRA e MASSIMI, 2005).

Há valor no *mundo-da-vida* para aquela compreensão das dimensões existenciais enquanto experiência primordial de sentido. Esta experiência primordial fora relegada pela ciência moderna a um plano de *primitividade*, não validade ou objetividade, ou seja, nem confiabilidade e nem civilidade, fatores suficientes para um descarte que também pôde ser traduzido como o desencantamento weberiano do mundo na máquina burocrática e racional das organizações sociais modernas ocidentais (MAFFESOLI, 2007). Este enquadre racionalista mutuamente intelectual e social, baseado numa filosofia predominantemente naturalista de que foram contemporâneos Weber e Husserl, era considerado pelo último, pelo menos no que tange à sua abrangência científica, como algo “que se cumpre de uma forma que é fundamentalmente errada (...) e um crescente perigo para a nossa cultura” (HUSSERL, 2005a, p.11).

O movimento objetivado

Embora se possa considerar que com mais atraso que outras áreas acadêmicas, as ciências do esporte, sejam estas tratadas por cinesiologia ou por educação física, se esforçaram para adquirir seu lugar entre as demais ciências de modo a seguir o cânone científico hegemônico, aquele de inspiração positivista. O reitor de um das mais notórias universidades norte americanas identificava, em 1963, o programa de graduação na área como um exemplo do que havia de pior no sistema (ANDERSON, 2002, p.87). Anderson lembra que naquele contexto o mesmo esforço era realizado por cientistas políticos e historiadores no intento de ganhar respeitabilidade no meio acadêmico. A utilidade, um dos princípios de valor do positivismo, vigorava no novo projeto cinesiológico em que um programa cientificamente focado devia produzir conhecimentos que fossem aplicados junto a exercícios esportivos ou gerais a fim de produzir atletas maiores, mais fortes e rápidos, bem como mais prontos à recuperação de lesões, todos conhecimentos que auxiliariam também a medicina e a educação geral (ANDERSON, 2002, p.88). O crescente progresso e legitimação da área acadêmica que efetivamente se realizou desde então, sendo acompanhado com certo atraso por tendência similar no Brasil, teve um custo. Este custo, alerta Anderson, foi o de que a tendência reducionista da existência humana realizada pela ciência de inspiração positivista aplicada às ciências do esporte torna as características propriamente humanas do movimento do corpo – liberdade, responsabilidade, diferença, criatividade, auto-expressão, esforço, propósito, ação, significado – aparentemente irrelevantes e negligenciadas (ANDERSON, 2002, p.90). Portanto, pode-se sinalizar que a cientificização da área das ciências da atividade física arrisca-se a degradar a capacidade de atenção aos substratos propriamente humanos (culturais e subjetivos) do movimento corporal.

Espessura existencial

Pode-se definir a dimensão existencial como a dimensão de experiências significativas que acabam por se saber assim, portanto, com integração entre ação e dar-se conta espiritual. Objetivar em definitivo tal dimensão é improvável, já que sua característica é não ser imanente e guardar o elemento transcendente essencial da experiência humana. Sua espessura é dependente da qualidade de sua integração significativa, isto é, da percepção de tais experiências e de seu acionamento de modo a fazê-las valores significativos.

O conjunto social pode facilitar menos ou mais este gênero de reconhecimento, já que o mesmo não é gerado individualmente, mas compartilhado comunitariamente. Maffesoli (1998) argumenta que a contemporaneidade vive uma *perda de evidência* relativa aos substratos que fazem o vínculo social, ou dito de outra forma, não se sabe mais quais os mitos

que o animam por conta de haver uma saturação daquilo que estava na base da modernidade. Assim, o autor elenca as palavras chave da modernidade como sendo o mito progressista, o racionalismo, a lógica da dominação e o individualismo. O primeiro se refere a uma concepção de tempo finalizado, tempo projetivo em que o hoje tem valor em função do amanhã. O racionalismo reitera o mito progressista orientando a razão em função de um alvo e definindo-se como razão instrumental. A lógica da dominação, que se estende a si e ao mundo, veicula uma concepção econômica da existência. Finalmente, o individualismo reenviado genealogicamente a Descartes, à Reforma e à filosofia iluminista, levanta-se pela ordem do indivíduo autônomo, *aquele que faz a própria lei*.

É preciso admitir a ocorrência de múltiplos fenômenos paradoxais e solidários que não apenas constituem o mosaico social e seus laços, mas também a própria pessoa como multiplicidade. Essa concepção *maffesoliana* encontra ecos menos ou mais integrais no pensamento de Bauman e outros analistas. A harmonia entre identidade de si e percepção da expectativa social, torna-se, diga-se de passagem, tão dinâmica ou líquida (BAUMAN, 2001), que improvável. Não raro, as buscas de manipulação do corpo visando atender a tais expectativas ganham qualidades de um *dever-ser* não pautado na experiência corporal, mas em referentes externos efêmeros e exigentes. Por outro lado não são poucas as manifestações sociais que têm na multiplicidade de referentes uma salvaguarda ao risco de consumir e ser consumido por uma cultura hegemônica que, no limite, traz para a relação da pessoa consigo mesma e com os outros o modo burocrático, submetido a ordens de autoridades (agora científicas) que tende a, voluntária ou involuntariamente, reduzir a pessoa a mero funcionário de micro holocaustos cotidianos, para exagerar Hannah Arendt.

A diversidade de práticas potencialmente contribui para o resgate de densidades existenciais que, contudo, não retornam ilesas do local onde estavam, mas se transformam na relação com a nova situação. Mestiçagens mitológicas e novas lógicas identitárias nelas baseadas, aponta Midol (1998), substituem o culto à performance inspirando-se em *espiritualidades exóticas* íntimas de técnicas corporais como o serão aquelas budistas, taoístas e zen, do extremo Oriente, mas também outras de origens africanas, australianas, americanas, todas exemplificadas pelo *yôga*, o *taichi*, as meditações, formas de transe de onde não estão ausentes os exemplos da umbanda e do candomblé afro-brasileiros bem como rituais de dança e combate. Tudo isto identificando a superação do interdito da chamada mitologia ocidental – mitologia esta em que Nancy Midol entende o homem e o divino se extraindo do restante do mundo num valor superior, o espiritual – para praticarem transes, fusões com a natureza, filiações totêmicas, incorporação dos ancestrais, etc. Novas filosofias da existência calcadas

em outras mitologias, mestiças pelo teor de nossos tempos, entre as quais não escapam aberturas a crenças e atividades esportivas como a escalada, o *skate*, o surf e novas "deidades". Uma ética multifacetada, relativista do ponto de vista de suas origens culturais que estaria conduzindo, como quer Michel Maffesoli (2007), a um reencantamento do mundo. O reconhecimento de tal relativismo cultural não é, entretanto, a assunção de um relativismo científico a não ser que por isto se entenda o esforço de buscar para o objeto uma co-respondência metodológica. A fenomenologia é consoante a tal propósito e é perspectiva que se pretende, como lembra o título de Husserl, filosofia como ciência rigorosa.

A fenomenologia como ciência das dimensões existenciais da atividade física

Valer-se da fenomenologia como ciência dedicada à compreensão das dimensões existenciais da atividade física significa empreender investigações que querem ir a fundo, sem se contentar com os limites das expressões verbais pouco significativas que fazem repetir o convencional, crer-se pelo convencional e reforçar o convencional, mas reativando o *esforço* presente nas vivências, buscando, enfim, essências de fenômenos, essências que têm pouco a ver com idéias eternas platônicas[1]. Para o esforço de empreender uma compreensão a partir da fenomenologia clássica os estudos contemporâneos de Ales Bello (2003, 2006) e os anteriores de seu fundador, Edmund Husserl, bem como os de Edith Stein, são alguns dos apoios que favorecem visar a uma descrição rigorosa e uma *redução eidética* precisa que, mesmo visando o conhecimento das fontes originárias da intuição, se sabe partindo de um *valor cognitivo intermediário* (HUSSERL, 2005B, p.39). Este valor intermediário, no caso da atividade física, pode estar desde a denominação da prática investigada (judô, atletismo, escalada, futebol, etc.), a qual já pressupõe um conteúdo específico, até as múltiplas formas de coleta de dados, como a observação, a participação e a entrevista aberta em profundidade.

A unidade do fluxo de consciência vem analisada na forma como manifesta os estratos que a constituem: estratos sensível-motores, afetivos e volitivo-intelectuais que compõem a unidade da pessoa em suas esferas corpórea, anímica (psíquica) e espiritual. Interessa distinguir tais esferas enquanto é propriamente a fluidez de suas dosagens que vai caracterizar de modo geral a atividade física como fenômeno em que corporeidade e psiquismo exercem um papel determinante na ação. É sobre preponderância de ambas as esferas que se coordenam os modos de atuação espirituais, isto é, volitivo-intelectuais. A atenção científica exclusivamente dedicada a esta última esfera, racional decisória, seja em seus estudos do corpo como objeto, seja na prescrição racional ao mesmo corpo objeto como coisa da saúde,

[1] A este respeito indica-se o retorno aos próprios textos de Husserl que reiteradamente se deteve na diferenciação do que entendia por essência e daquilo que Platão entendia como tal.

perde de vista a primariedade vivencial desse corpo e do posicionamento existencial no mundo.

Características e Exemplos: correr, surfar, combater

A hegemonia vivenciada na prática de atividade física, em geral, é de arrefecimento da racionalidade abstraída – pode-se dizer de modo geral – e recrudescimento de razões sensíveis condensadas em gestos atrativo-repulsivos do corpo e do psiquismo. Assim, nos momentos limite de cada forma de prática, por exemplo, a repulsa à negatividade das imagens de fracasso, queda, derrota, desistência, *caldo*, etc. conta mais do que eventuais cálculos abstratos acerca da probabilidade ou não do sucesso da ação. A experiência prática mostra a força e a importância de tais conteúdos imagéticos, revelando a determinação psíquica dos eventuais gestos que se sucedem em acertos ou equívocos. O conjunto da história de consciência destas imagens, afetos e tensões volitivas correspondentes, conforma uma determinada atitude em maior ou menor consonância com seu correlato prático, isto é, a atividade física que esteja em questão.

O corredor de longa distância, cônscio da tensão entre possibilidades e limites físicos, faz da vontade, como auto-imposição de um esforço de continuidade, o seu desafio. As adversidades do solo em que se dá a marcha, das pernas que chegam a insinuar sua recusa em mover-se, da respiração que se restringe, das imagens contrárias à realização da meta, são todos os correlatos constitutivos deste empenho volitivo específico da corrida que, sucessivamente, transcende a especificidade e se faz extensível às outras demandas de vontade promovendo o chamado fortalecimento do caráter.

Diferentemente, o surfista faz da sintonia com a natureza o saber que o orienta a acompanhar, a *entrar* na onda numa comunhão entre a própria onda temporal psíquica e a onda de água em que está. Quando se está na onda de modo ideal sua presença é análoga ao presente temporal: o momento presente é como uma crista de onda baseada e sustentada por um rastro retido do que já passou e por um devir que tende ao logo em seguida, portanto veiculando em sua síntese um sentido claro (HUSSERL, 1994). Neste estado as possibilidades de movimentos sabem e demandam os modos de se realizar. A consciência de um surfista que entra na onda é a consciência que se confunde com a mesma, temporal e materialmente.

Já na prática tradicional do *karate* há um misto de atos que implica em orientar os modos de uma determinação volitiva e constitutiva do caráter de seu praticante de acordo com o que solicita uma experiência de *esvaziamento* e, portanto, de passividade do escorrer corpóreo-psíquico até o gesto definitivo de combate, o *kimê* (BARREIRA E MASSIMI, 2006). Estes exemplos apenas referem algumas das variações dos modos característicos de

vivenciar a experiência continuada da atividade física de modo a tê-la como dimensão existencial significativa da vida do praticante. Adentra-se, como se caracterizam os envolvimentos efetivos com práticas corporais, numa experiência pré-reflexiva, e como tal pré-categorial, que é impelida mais pela chamada esfera *hilética* (sensual) do que pela esfera *noética*, como tem chamado a atenção Angela Ales Bello em seus estudos sobre culturas e religiões não ocidentais (GHIGI, 2003 e ALES BELLO, 1998). Se Maffesoli manifesta que "uma sociedade mais sensualista substitui pouco a pouco a sociedade racionalista que foi a sociedade moderna" (MAFFESOLI, 1998, p.2), pode-se tomar a abordagem fenomenológica do objeto próprio da psicologia do esporte como meio de favorecimento da compreensão social contemporânea.

Conclusão

A análise da atualidade dos fenômenos condensa nos *momentos presentes* (STERN, 2007) a essência do que são motivos e finalidades das práticas que, muitas vezes, são apenas significados como simples prazer. É neste sentido que, a simples hipótese sociológica *sensualista* do prazer como causa e finalidade da prática, por exemplo, não exaure a questão, afinal, não define nem de que prazer se trata nem como se move tal prazer. As investigações fenomenológicas da prática de atividade física deverão contribuir para a compreensão destas *efervescências presenteístas* do psíquico e do social que se entrelaçam e configuram uma espessura existencial, tanto contemporânea quanto essencial, a ser explorada em suas mais diversas implicações.

Investir na densidade existencial é o modo que se tem de valorizar uma experiência de humanidade que, como tal, é aberta e se recria, sem que a obediência aos programas de saúde ou a obediência funcional, que força o deslocamento das concepções científicas para o lugar do *mundo-da-vida*, primem junto a vida social e pessoal. Uma psicologia do esporte eticamente atenta a isto se orienta amplamente pelo projeto fenomenológico de retorno às coisas mesmas, no caso às experiências que realmente fundam o prazer e o amor pela atividade física, pela experiência do corpo próprio amalgamada com seus correlatos intencionais multifacetados e multivariados. Esta, definitivamente, não é uma atividade própria da objetividade científica positivista.

Referências Bibliográficas

ALES BELLO, Angela. *Edmund Hussel e la storia*. Parma: Nuovi Quaderni, 1972.

ALES BELLO, Angela. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Bauru: Edusc, 1998.

ALES BELLO, Angela. *L'universo nella coscienza*: *introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius.* Pisa: Ed. ETS, 2003.

ALES BELLO, Angela. *Introdução à fenomenologia*. Bauru: Edusc, 2006.

ANDERSON, Douglas R. The Humanity of Movement or "It's Not a Gym Class". In: *Quest,* n° *54*, 2002.

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes e MASSIMI, Marina. Arqueologia fenomenológica das culturas. In: *Revista Estação Científica*. Juiz de Fora, n°00, 2005. http://www.jf.estacio.br/revista/artigos/cristiano_arqueo.pdf. Acesso em 24/11/2006.

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes e MASSIMI, Marina. O caminho espiritual do corpo: a dinâmica psíquica no *karate-do shotoka*n. In: *Memorandum,* n° *11*, 2006. http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/barreiramassimi03.pdf. Acesso em 04/08/2007.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GHIGI, Nicoleta. A hilética fenomenológica: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. In: *Memorandum*, n°4, 2003. http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos4/ghigi01.htm. Acesso em 11/06/2003.

HUSSERL, Edmund. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

HUSSERL, Edmund. *La filsosofia come scienza rigorosa*. Roma: Economica Laterza, 2005.

HUSSERL, Edmund. *Sur le Renouveau*: cinq articles. Paris : Vrin, 2005b.

MAFFESOLI, Michel. *Le réenchantement du monde*: une éthique pour notre temps. La table Ronde: Paris, 2007.

MAFFESOLI, Michel. Société ou communauté : tribalisme et sentiment d'appartenance. In: *Corps et Culture*, *3*, 1998. http://corpsetculture.revues.org/document520.html?format=print

MIDOL, Nancy. Ancrages mythologiques des cultures physiques et projets transgressifs. In: *Corps et Culture*, *3*, 1998. http://corpsetculture.revues.org/document422.html?format=print

RUBIO, Katia. Entre a psicologia e o esporte: as matrizes teóricas da psicologia e sua aplicação ao esporte. In: *Temas em Psicologia da SBP*, *12*, n° *2*, 2004.

STERN, Daniel N. *O momento presente*: na psicoterapia e na vida cotidiana. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VEALEY, Robin S. Smocks and Jocks Outside the Box: The Paradigmatic Evolution of Sport and Exercise Psychology. In: *Quest*, *58*, 2006.

FAPESP/PRP-USP